

ESTUDO DE IMPACTO ECONÓMICO PELA RETIRADA DE SUBSTÂNCIAS ATIVAS PARA CULTURAS CHAVE EM PORTUGAL



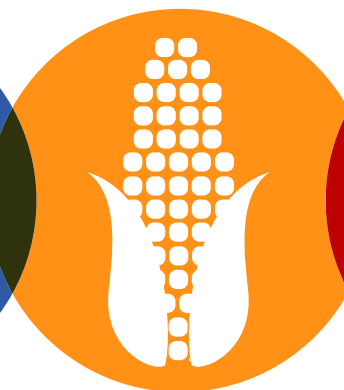
OLIVAL



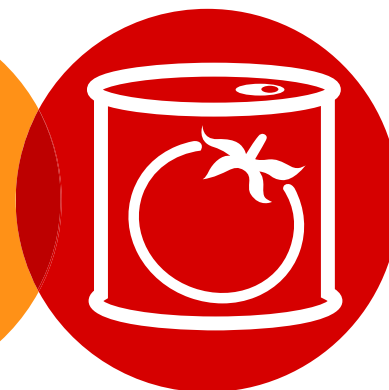
PÊRA-ROCHA



VINHA
PARA VINHO



MILHO



TOMATE
DE INDÚSTRIA








SUMÁRIO EXECUTIVO // ABRIL 2021

anipla

Metas do *Green Deal* podem gerar perdas anuais de **330 M€** de Rendimento Agrícola em Portugal



Estudo realizado pela AGRO.GES apresenta cenário extremamente preocupante sobre o futuro da Agricultura Portuguesa:

-  **7% da totalidade da receita agrícola nacional em risco**
-  **Perda de cerca de 8% (200M€) em exportações das 5 fileiras**
-  **Milho-Grão e Tomate Indústria poderão perder viabilidade económica**
-  **Abandono das terras e mais de 900 postos de trabalho agrícola em risco**
-  **Sérios prejuízos para zonas importantes do território como o Ribatejo e Zona oeste**
-  **Aumento da dependência do exterior e maior insegurança alimentar**
-  **A Estratégia Europeia do Prado ao Prato pode transformar seriamente o nosso Mundo Rural**

ENQUADRAMENTO

A ANIPLA – Associação Nacional da Indústria para a Proteção das Plantas apresenta as conclusões de um estudo realizado pela AGRO.GES sobre o Impacto Económico da Retirada de um conjunto de mais de 80 substâncias ativas da Proteção Vegetal em Portugal.

Na origem do estudo agora apresentado está a intenção assumida pela União Europeia no quadro da estratégia do prado ao prato, e apresentada no Pacto Ecológico da Comissão Europeia, de reduzir a utilização de produtos fitofarmacêuticos em 50% até ao ano 2030.

Esta decisão política pode, porém, ter fortes impactos na economia e no futuro de várias fileiras agroalimentares europeias.

Preocupada **com o** impacto económico de tal medida em Portugal, a ANIPLA solicitou à AGRO.GES um estudo com vista a avaliar quais serão as **repercussões económicas da retirada de um conjunto de mais de 80 substâncias ativas (s.a.)** consideradas em risco de perder a autorização de utilização na Europa em cinco fileiras agrícola nacionais, considerando o território continental. Estas cinco fileiras são a **vinha para vinho, o olival para azeite, a pêra rocha, o milho-grão e o tomate para indústria.**

METODOLOGIA

O estudo incidiu em várias regiões e diversas formas de produção, nas culturas em causa, no território nacional. Em resultado desta análise, foram criados 13 casos de estudo que foram considerados representativos de cada uma das fileiras nas suas diferentes abordagens de produção. Para cada caso de estudo foi definida uma tecnologia de produção específica, um protocolo fitossanitário e uma conta de cultura, permitindo estimar os resultados económicos da situação atual

Foi depois criado um cenário de chegada de cada um dos casos de estudo, onde se consultou técnicos de produção especialistas em cada uma das culturas e regiões para definir o que seria a estratégia fitossanitária recorrendo apenas aos produtos que não são considerados em risco de retirada em cada um dos casos de estudo. As implicações na produtividade e no preço (qualidade da produção) foram também consideradas.



RESULTADOS APURADOS

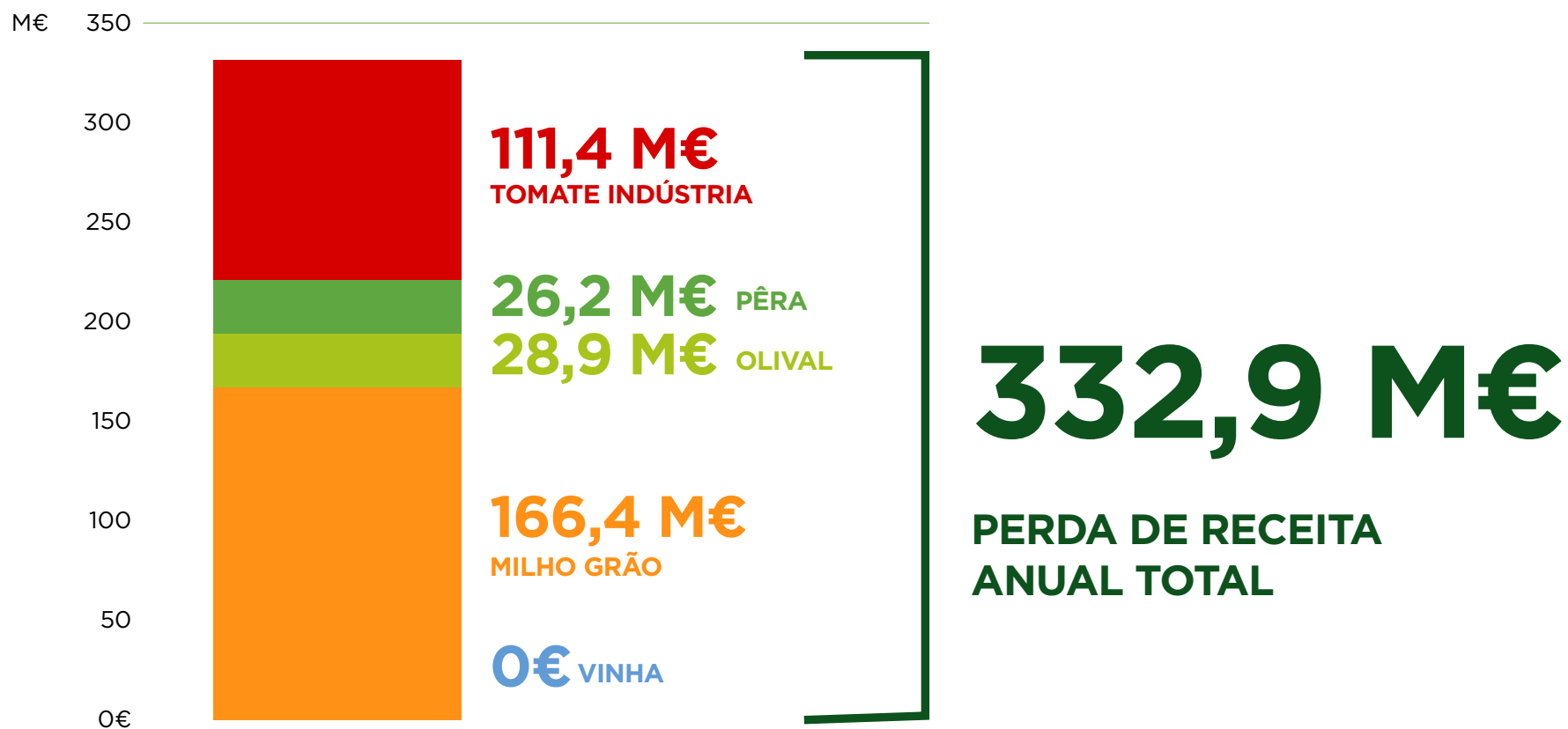
O trabalho realizado pela AGRO.GES permite estimar perdas muito importantes em todas as fileiras.

As fileiras do milho-grão e do tomate de indústria perderão a viabilidade económica por completo enquanto, nas restantes, se estimam impactos económicos muito relevantes. O valor estimado para a perda de margem bruta (MB) é de cerca de 257 milhões de euros anuais, considerando que no milho e tomate se perde apenas a MB atualmente conseguida.

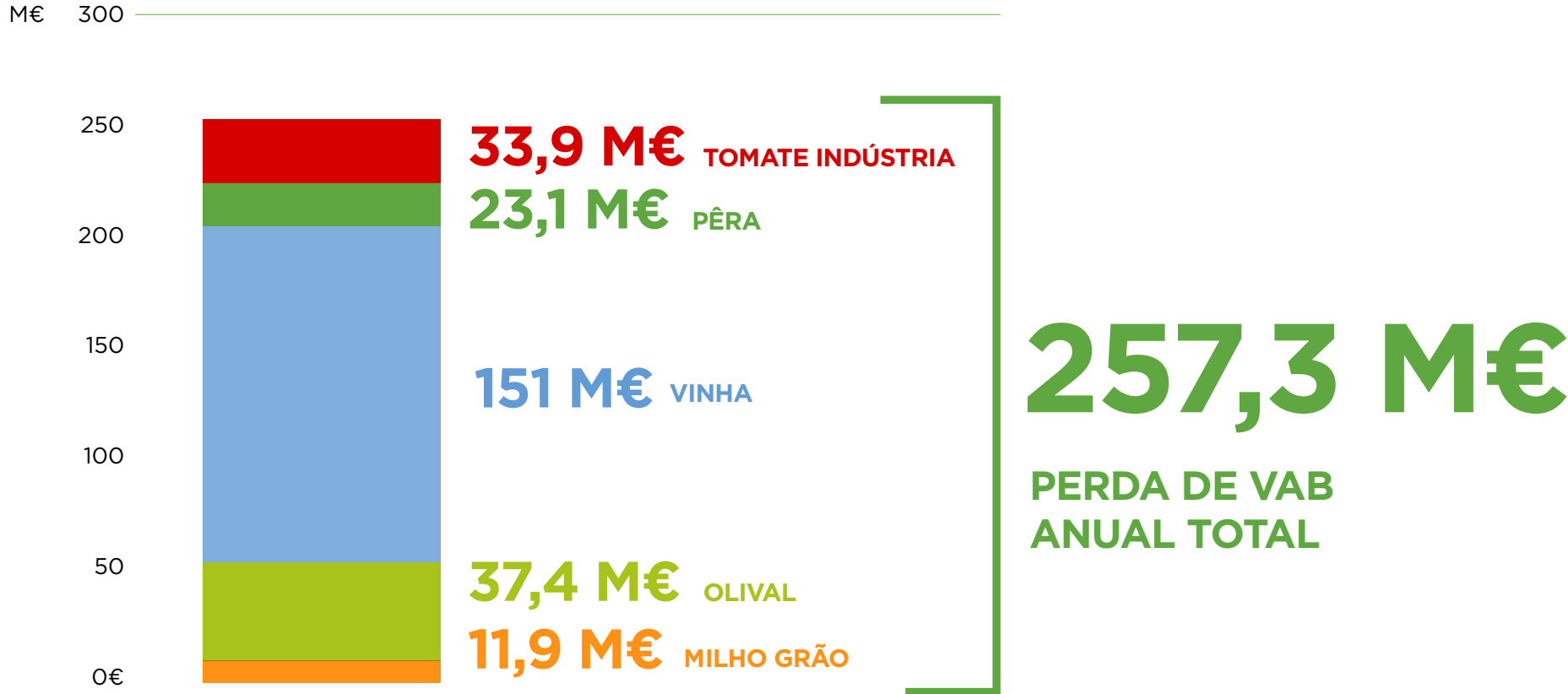
Considerando apenas a receita perdida nestas cinco fileiras, as estimativas apontam para uma perda anual de cerca de 332 milhões de euros. **Estes valores representam perdas de 9% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) da agricultura em 2020 e 7% do Rendimento total gerado pela produção vegetal no mesmo ano, respectivamente.**



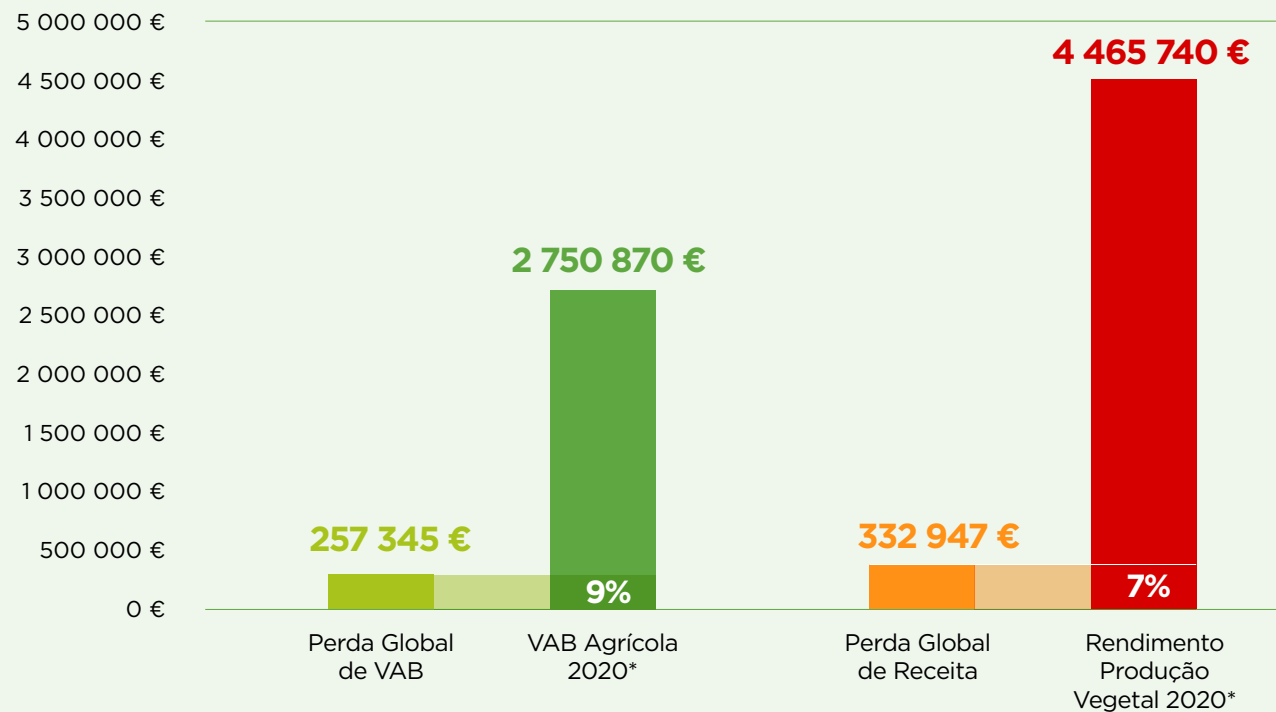
PERDA DE RECEITA ANUAL POR CULTURA E TOTAL



PERDA DE VAB ANUAL POR CULTURA E TOTAL

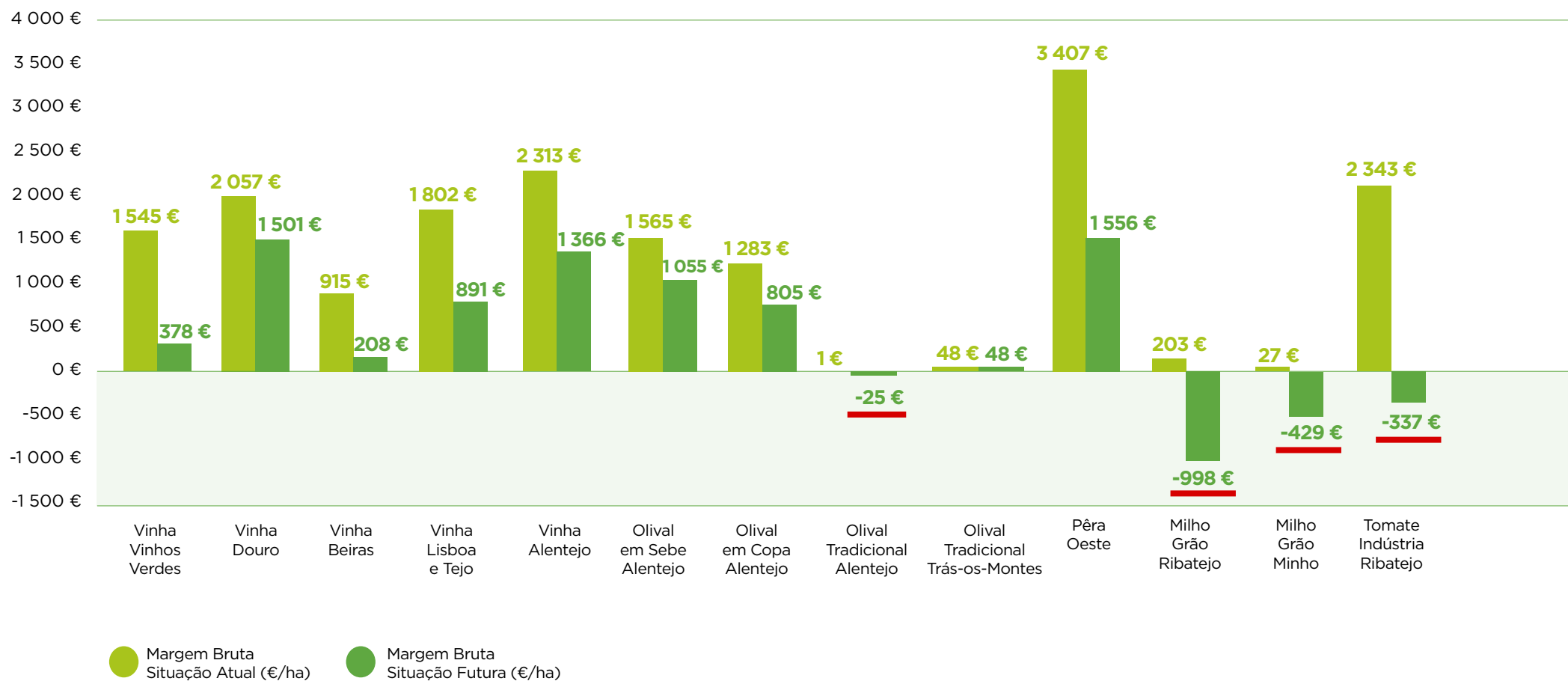


COMPARAÇÃO DAS PERDAS DE VAB E RECEITA GLOBAIS NOS VALORES NACIONAIS (*)

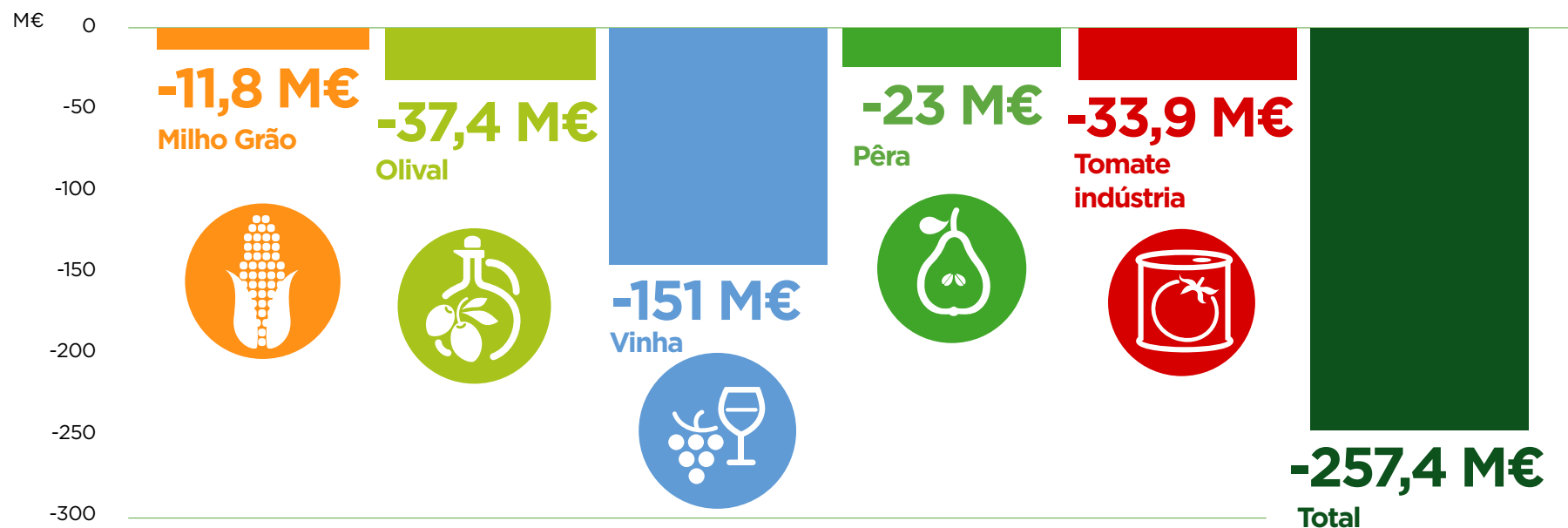


(*) Dados INE, 1ª Estimativa do Rendimento da Atividade Agrícola 2020

COMPARAÇÃO DO IMPACTO EM MARGEM BRUTA, PARA OS VÁRIOS CASOS DE ESTUDO, EM €/HA



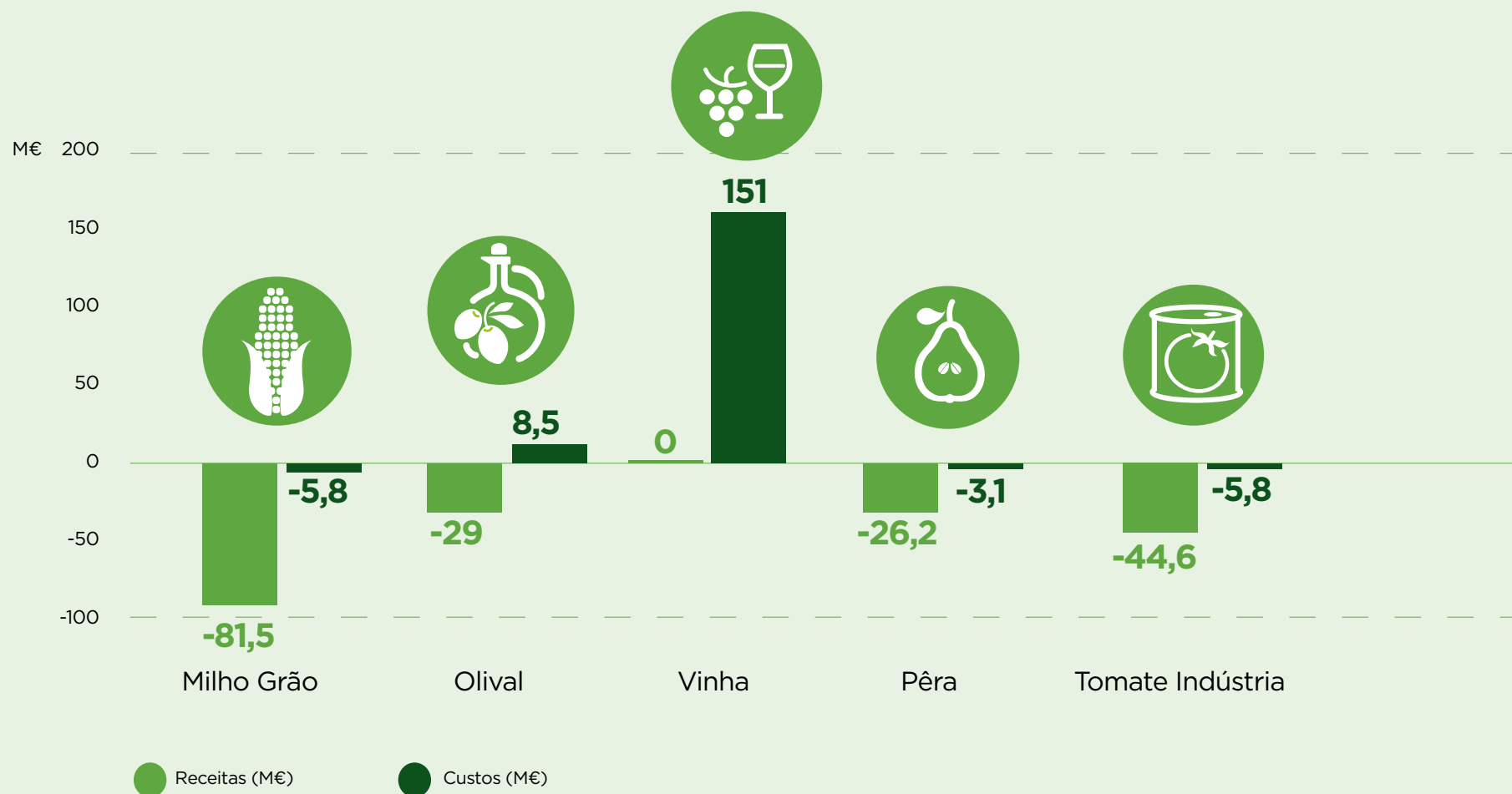
CENÁRIO DE VARIAÇÃO DAS MARGENS BRUTAS, EM TERMOS NACIONAIS, PARA AS VÁRIAS FILEIRAS (*)



(*) considerando que as culturas não viáveis são abandonadas

De notar que o impacto económico de perda de 257 M€ em MB resulta do somatório das três fileiras que se mantêm em produção, vinha, olival e pêra, e, adicionalmente da totalidade da margem bruta actualmente gerada pelas duas fileiras que deixam de ser viáveis, e por isso deixam de existir.

CENÁRIO DE VARIAÇÃO DAS RECEITAS E CUSTOS, EM TERMOS NACIONAIS, PARA AS VÁRIAS FILEIRAS (*)



(*) assumindo que os produtores das culturas que perdem viabilidade económica mantêm a sua produção, verifica-se um efeito combinado por via das perdas de receita e aumento de custos

Refira-se que, nas fileiras da pêra-rocha, do milho e do tomate, se estima uma redução de custos. Este resultado não se deve à redução de custos de aplicação de fitofarmacêuticos, mas sim à não existência de alternativas aos que são retirados, resultando em importantes perdas na produção.

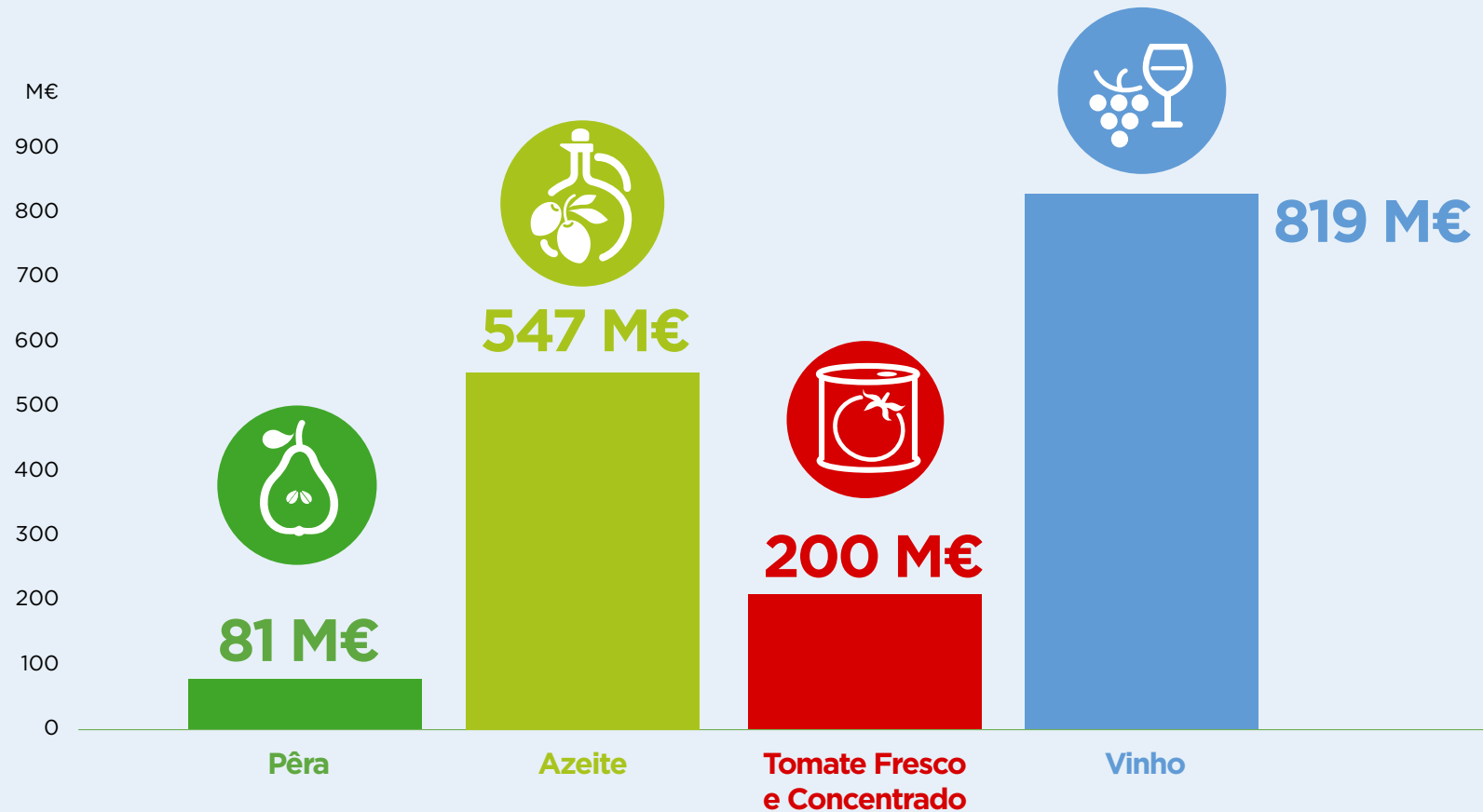
Particularmente no caso da vinha para produção de vinho as perdas ocorrem não pela perda de produtividade, uma vez que existem produtos alternativos para os inimigos das culturas a combater que não são considerados em risco de retirada do mercado, mas sim pelo elevadíssimo aumento de custos das alternativas. Os custos das alternativas e, em alguns casos, o aumento das necessidades de aplicação são, assim, os responsáveis pela quebra na rentabilidade

Quanto ao olival o efeito é manifestamente diferente entre os olivais modernos, regados e explorados em sebe ou em copa, e os tradicionais, mais robustos e menos produtivos, se no caso dos últimos o impacto é nulo (ou reduzido) no caso dos olivais modernos o impacto é muito substancial, tanto pela via do aumento dos custos de operação como pela redução da quantidade e valor da produção.

Em suma, das cinco fileiras estudadas, pode-se concluir que, se fossem retiradas as substâncias ativas consideradas em risco de retirada, ao dia de hoje, as duas culturas anuais, milho grão e tomate para indústria, provavelmente desapareceriam e as três fileiras baseadas em culturas permanentes continuariam a ser viáveis, mas com perdas muito significativas. A economia agrícola nacional perde valores consideráveis em áreas que são, claramente, importantes para a balança comercial, criando uma maior dependência do exterior do país para nos abastecermos de alimentos. Por outro lado, a desertificação do território com o abandono da agricultura, constitui uma ameaça social e ambiental perante os desafios das alterações climáticas e dos fogos florestais;

Outro grande impacto será ao nível da segurança alimentar, decorrente de menor autonomia de produção nacional e consequente dependência de terceiros para nos abastecermos de alimentos, ficaremos ainda mais longe da autossuficiência. Perante o efeito devastador para as culturas do milho e tomate de indústria, pode-se inferir que no caso particular do tomate, o valor de exportações gerado a partir de produtos que têm esta cultura como base, se perderia totalmente.

VALOR DE EXPORTAÇÕES DOS PRODUTOS QUE TÊM ORIGEM NAS CULTURAS ALVO DE ESTUDO



O trabalho realizado é essencial para que se entenda, com dados factuais e se estabeleça estratégias como resposta às dificuldades económicas esperadas para estes cerca de 652 mil hectares atualmente ocupados com três fileiras que geram riqueza, emprego e alimentos.

CONCLUSÕES

A partir da análise realizada aos resultados do estudo, conclui-se **que a agricultura portuguesa enfrenta uma séria ameaça à sua competitividade e, conseqüentemente, significativo impacto quer a nível económico quer a nível social, e até a nível ambiental pelo risco exponencial do abandono da actividade agrícola.**

De forma isolada, ou em diversas combinações, as s.a. em causa apresentam-se no mercado num grande número de produtos fitofarmacêuticos, autorizados na protecção das culturas em análise. **A sua retirada conduzirá também a um baixo, ou praticamente nulo, nível de controlo de vários problemas fitossanitários, pela ausência de soluções disponíveis que constitui este cenário.** De uma forma geral, **o impacto da retirada destas s.a. comprometendo a viabilidade de algumas das culturas em análise.**

De referir ainda que o presente estudo não avalia o impacto a jusante junto da indústria agroalimentar nem ao nível de preços de venda ao consumidor, não avalia o impacto das alterações climáticas, nem de novas pragas e doenças, mas facilmente se compreende que os impactos seriam muito significativos.

POSIÇÃO DA ANIPLA

A Europa conta com alguns dos procedimentos de autorização de produtos fitofarmacêuticos mais rigorosos do mundo, o que permite disponibilizar alimentos com elevada segurança e qualidade. As boas práticas agrícolas, como os sistemas de proteção integrada, relembram-nos como é possível assegurar o fornecimento de alimentos seguros e a preservação e regulação dos ecossistemas. A ciência, investigação e inovação tecnológica evoluem a passos largos todos os dias no fornecimento de alternativas sustentáveis e ambientalmente responsáveis.

Como é fácil de compreender pelo trabalho realizado cujos resultados aqui se apresentam a estratégia do Pacto Ecológico apresentada pela Comissão Europeia deverá considerar estudos como o da Anipla, no que diz respeito ao estabelecimento de metas, para mitigar riscos irreversíveis, com impacto directo na produção e preço dos alimentos, comprometendo a sua acessibilidade a todos e qualquer cidadão, contribuindo ainda mais para desequilíbrios sociais e para o aumento da fome no mundo.

Reconhecemos a preocupação da sociedade e a vontade da Comissão e estamos disponíveis para dialogar sobre medidas adicionais de boas práticas que permitam uma redução do uso de produtos fitofarmacêuticos, mas sem comprometer a produção – com uma meta realista, baseada em critérios e dados científicos. A pesquisa de mais e melhores soluções pela Indústria (ex: biopesticidas, biotecnologia e agricultura de precisão), salvaguardando a resposta e adaptação às crescentes exigências de segurança ambiental, humana e animal, estão bem patentes no último Relatório do Estado do Ambiente, que revela uma tendência significativa da redução da utilização de produtos fitofarmacêuticos, resultado também do desenvolvimento pela indústria de produtos mais eficientes com menor quantidade. Note-se que, entre 2007 e 2017, por exemplo, a venda de produtos fitofarmacêuticos, por unidade de Superfície Agrícola Utilizada registou uma diminuição de 49% para um valor de 2,3 kg por hectare, sem comprometer a quantidade, qualidade ou preço dos alimentos. Esta redução resultou, em grande medida, da evolução científica promovida pelas empresas no sentido da redução das quantidades de s.a. necessárias para alcançar o mesmo efeito. Esse é o caminho que a indústria continuará a percorrer e para tal é fundamental disponibilizar o tempo necessário, sob pena de surgirem problemas fitossanitários graves.

O consumo crescente dos consumidores faz parte das preocupações do sector, que otimizam todos os dias os seus métodos de produção, de forma a não sobrecarregar os solos. Por isso, entendemos que as abordagens políticas devem ser ambiciosas e coerentes, mas sobretudo, facilitadoras. Devem garantir a atenuação das alterações climáticas e a melhoria da biodiversidade, assegurando simultaneamente a viabilidade da agricultura europeia e um fornecimento resiliente de alimentos seguros e sustentáveis para todos. Esses não são objetivos mutuamente exclusivos e podem ser alcançados com uma abordagem equilibrada e baseada na ciência. O que significa que o trabalho da ciência, a par de um diálogo coletivo em prol da mitigação das mudanças climáticas, são a chave para o cumprimento de metas e objetivos que favorecem a preservação do ambiente.

Falar sobre agricultura sustentável é ter a capacidade de olhar para o todo e não só para a parte. Não se pode falar de biodiversidade sem entender a agricultura como um promotor desse mesmo desígnio. É necessário otimizar ferramentas, incentivar e apoiar os agricultores, apostar na formação e no desenvolvimento de alternativas que protegem e promovem a biodiversidade, e para tal, a ANIPLA defende que a inovação tem de ser uma parte essencial da solução. Preservar não pode nem deve ser sinónimo de eliminar aquilo que nos ajuda a defender e salvar culturas, particularmente quando assistimos a uma crescente gravidade de novas pragas, doenças e infestantes que ameaçam a agricultura portuguesa e a própria saúde pública, muitas delas resultantes da mudança climática e da globalização. Impor metas irrealistas aos produtores nacionais, que não consideram as especificidades de cada Estado Membro (“one size fits all,” da UE) é pôr em causa a alimentação diária de todos nós bem como a segurança daquilo que comemos. Impor metas que excluem, à partida, o papel rigoroso da ciência é enviar à agricultura portuguesa e a todos os cidadãos uma fatura que jamais poderão pagar.

As exigências que se colocam à agricultura, por via das estratégias europeias que integram o Pacto Ecológico Europeu, terão um efeito muito direto na sociedade em geral e em todos os consumidores. A realidade do mundo de hoje e os desafios que nos encontramos a viver, do ponto de vista das alterações climáticas (em relação às quais Portugal é dos países mais vulneráveis), do ponto de vista sanitário, do ponto de vista social, impactam diretamente a nossa vida do dia a dia. Hoje, mais do que nunca, é óbvia a importância da atividade dos nossos agricultores, que num clima de incertezas nos dá a serenidade de sabermos que trabalham para garantir a necessária disponibilidade de alimento seguros e acessíveis. Contudo, as ameaças atuais à produção agrícola, quer por via das exigências pouco fundamentadas das estratégias da UE, pelas novas pragas e doenças emergentes nas nossas culturas, quer pela falta de soluções fitossanitárias, que ajudam a produzir mais e melhor, o mais provável é que a agricultura enfraqueça, os produtos agrícolas escasseiem, e os preços aumentem, as terras sejam abandonadas, o mundo rural desertifique e que a nossa serenidade dê lugar a sérias e profundas preocupações.

Relatório Completo do Estudo [AQUI](#)

SOBRE A ANIPLA

A Associação Nacional da Indústria para a Proteção das Plantas (ANIPLA – www.anipla.com) – constituída em 1992, representa as empresas que investigam, desenvolvem, fabricam e comercializam produtos fitofarmacêuticos. Como Associação Empresarial do Sector e no conjunto dos seus associados, a ANIPLA representa cerca de 95% do Mercado Nacional de Produtos Fitofarmacêuticos. A ANIPLA representa os seus associados, tendo como fim último a promoção, divulgação e apoio à utilização segura e eficaz dos produtos fitofarmacêuticos, seguindo os mais exigentes critérios de segurança para o Homem e Ambiente. A ANIPLA é membro efetivo e ativo da CropLife Europe (www.croplifeeurope.eu). Mais informação em www.anipla.com



anipla

anipla.com